

**Usos discursivos dos parênteses em um catecismo jesuítico na
língua geral da Amazônia ([175-])¹**

***Discursive use of parentheses in a Jesuit catechism in the Língua
Geral of the Amazon region ([175-])***

Ruth Monserrat

UFRJ

ruth.monserrat@gmail.com

Cândida Barros

Museu Paraense Emílio Goeldi

mcandida.barros@gmail.com

Roland Schmidt-Riese

Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt

roland.schmidt-riese@ku.de

¹A pesquisa foi desenvolvida com apoio do Programa de Capacitação Institucional do MCT/Museu Goeldi para a primeira autora. Agradecemos a Sarah Bürk, colaboradora de Roland Schmidt-Riese na Universidade Católica de Eichstätt-Ingolstadt, pela tradução e síntese dos textos de Samuel Walter (1628) e Hieronymus Freyer (1735). A Profa. Maria Filomena Gonçalves, da Universidade de Évora, nos ajudou com informações sobre os parênteses na tradição portuguesa. Agradecimento especial a Gabriel *Caraibebé* Prudente, por seu apoio técnico. Tivemos auxílio do CNPq para a pesquisa.

Resumo: O trabalho caracteriza alguns dos usos discursivos do sinal de parêntese em um catecismo manuscrito jesuítico intitulado *Doutrina Christã em lingoa geral dos Indios do Estado do Brasil e Maranhão, composta pelo P. João Philippe Bettendorff, traduzida em lingoa g[eral] irregular e vulgar uzada nestes tempos* (Biblioteca da Universidade de Coimbra, ms. 1089) [175-]. Os resultados apontam para o emprego multifuncional desse sinal de pontuação na construção de uma escrita missionária para o tupi. A forma gráfica dos parênteses no manuscrito é /: :/, principal evidência de que seu autor foi um jesuíta de língua alemã.
Palavras-chave: jesuítas; catecismo; parênteses; pontuação; Língua Geral.

Abstract: The study characterizes the discursive use of parentheses in a jesuitical manuscript (catechism) entitled *Doutrina Christã em lingoa geral dos Indios do Estado do Brasil e Maranhão, composta pelo P. João Philippe Bettendorff, traduzida em lingoa g[eral] irregular, e vulgar uzada nestes tempos* (General Library of the University of Coimbra, MS 1089) [175-]. The results indicate the multifunctional use of these punctuation marks in the construction of a missionary script form of Tupi. The graphic form of parentheses used in the manuscript is /: :/, which provides the main evidence that the author of the manuscript was a German-speaking Jesuit.
Keywords: Jesuits; catechism; parentheses; punctuation; Língua Geral.

Recebido em 24 de julho de 2015.

Aprovado em 17 de fevereiro de 2016.

Introdução

O processo de criar uma escrita em tupi para uso missionário durante o período colonial não se fez apenas pelo estabelecimento de um conjunto de letras, mas também por sinais de pontuação. Um deles, o ponto de interrogação, presente nos gêneros missionários baseados em perguntas, como o confessorário e o diálogo de doutrina, foram frequentes e regulares na forma de sinalização gráfica e nas marcas morfológicas do tupi apropriadas. O parêntese, por sua vez, teve um

papel secundário e não unificado em relação aos contextos morfológicos e pragmáticos de seu emprego nos textos de evangelização em tupi.

Apesar de pouco frequente, o parêntese chamou-nos a atenção em um catecismo manuscrito anônimo intitulado *Doutrina Christã em lingoa geral dos indios do Estado do Brasil e Maranhão, composta pelo P. João Philippe Bettendorff, traduzida em lingoa g[eral] irregular, e vulgar uzada nestes tempos* (doravante *Doutrina*) pertencente à Biblioteca da Universidade de Coimbra, ms. 1089. A estranheza deveu-se, inicialmente, ao sinal especial empregado, /: :/, como no exemplo a seguir:

*R. Santa cruz recé omojaçapé ojucáçara recé ojeruré
/:ndenhyrô ixupé:/ ěi Tupá Túba cupê (DOUTRINA...,
fl. 52) [16]²*

Pregado na Santa cruz, rogou por seus matadores /:perdoaos :/ disse a Deus Pai³ (grifo nosso).

Esse sinal não parecia com nenhuma das notações da paleografia portuguesa para parêntese, que empregava ou duas barras – / / – ou dois semicírculos – (). Faltava, pois, identificar a sua origem e interpretar os usos que o autor da *Doutrina* [175-] lhes deu para podermos avançar na análise desse documento em língua geral.

Objetivos

O objetivo do trabalho é analisar o uso de parênteses no catecismo manuscrito anônimo intitulado *Doutrina*, pertencente à biblioteca da Universidade de Coimbra, ms. 1089, e datado indiretamente como sendo da década de 1750.

Os procedimentos seguidos no trabalho para analisar o emprego dos parênteses foram os seguintes: inventariar suas ocorrências no manuscrito, traduzir para o português os enunciados em que eles ocorrem e classificar seus empregos a partir de semelhanças sintáticas, semânticas e/ou pragmáticas.

Os resultados – ainda preliminares – apontam para uma multiplicidade de usos dos parênteses, associados a diferentes instruções ao leitor missionário.

²Os números em colchetes remetem aos casos de enunciados em língua geral na *Doutrina* com parênteses listados nos anexos do artigo.

³As traduções para o português da *Doutrina* são de Ruth Monserrat (R. M.).

Optou-se por dois contextos de uso que indicam tal multifuncionalidade: a) discurso citado direto e b) leitura alternativa de duas possibilidades lexicais. Esses dois usos dos parênteses na *Doutrina* estão ligados a diferentes convenções gráficas. Como veremos, seu uso na situação de discurso citado direto (a) está presente na prática de escrita do primeiro alto alemão moderno (*Frühneuhochdeutsch*). Sua função é demarcar a voz alheia. Já seu emprego na forma de leitura alternativa de expressões linguísticas (b) reporta a uma convenção gráfica da literatura missionária em línguas indígenas, que permite adequar o discurso ao destinatário.

O sinal gráfico /: :/ como marca paleográfica de jesuítas falantes de língua alemã

É frequente em documentos escritos por missionários da Europa Central na Amazônia no século XVIII o uso do sinal de parênteses na forma /: :/. Ele está em textos de Anselm Eckart (1759), em um dicionário anônimo (VOCABULÁRIO..., [175-], fl. 44) e numa carta ânuia da missão de Piraguiri (rio Xingu) em latim, assinada pelo jesuíta Lourenço Kaulen (1756)⁴.

Um exemplo interessante de uso é o da carta em português do jesuíta Francisco Wolff (original da Silésia) ao procurador da Ordem em 1750, em que o autor emprega as duas formas gráficas dessa pontuação:

- A alemã (“O Governador e com elle Padre Superior da Companhia /:como os Mais Prelados:/ pediraõ Se fizessem Listas dos Indios e defuntos”) (WOLFF, 1750, fl. 63);
- A portuguesa (“encomendei ao Irmaõ Manuel de Andrade/ hoje Carvalho/ quando Se foi desda (sic) Vice Provincia [...]”) (WOLFF, 1750, fl. 63).

O reconhecimento de que o uso desse sinal era restrito aos autores de fala alemã, permitiu, por essa marca paleográfica, identificar a procedência do autor da *Doutrina* e presumir a data em que ela foi escrita: o autor faria parte de um pequeno grupo de jesuítas da Europa Central que chegaram à Amazônia a partir de 1750 e foram expulsos ou encarcerados em 1759 (MEIER; AYMORÉ, 2005).

⁴Agradecemos ao Pe. Ilario Govoni pelo documento.

O manuscrito e seu contexto sociolinguístico

Doutrina, assim como um conjunto de três dicionários anônimos sobre a língua geral (VOCABULÁRIO..., [175-]; PROSÓDIA..., [175-]; DICIONÁRIO..., 1756) e um texto gramatical de Anselm Eckart, compartilham o uso dos mesmos rótulos para distinguir registros linguísticos na língua geral. Os três dicionários fazem diferença entre um registro “vulgar”/“vulgo”, próprio da língua geral, e outro identificado como sendo próprio de “tupinambá”, “catecismo” e “arte”, associado a formas linguísticas não mais usadas. Exemplificaremos essa diferenciação pelo dicionário de 1756, encontrado recentemente pelo linguista Jean-Claude Muller (2012):

A bocca de noite. carucmé. carucramé. Ita vul[go]. Top[inambá]. carucumé” (fl. 1);
 Absterse, anheronhén. ita catech[ismo]. çui. vul[go] apoír. çuí, exprimindo a cousa (fl. 1);
 Cruz. vulgò: cruzá. arte: ybyrá ïoaçaba” (fl. 12)
 Cera pöembaè. rel[ativo]. Top[inamba]. vulgo não se usa. aballizado, nomeado, affamado. vul[go]. aba retê, y moacára (fl. 45)

O artigo de 1778 sobre a língua geral “vulgar”, de autoria do jesuíta Anselm Eckart, que chegou à Amazônia em 1753, também diferencia a língua falada pelos “Toupinambeus” da usada nas missões paraenses no seu tempo (ECKART, 1994, p. 177; ROSA, 1994).

A diferenciação de registros linguísticos presente nos verbetes dos três dicionários setecentistas (“catecismo”, “arte”, “tupinambá” *versus* “vulgar”) e em Eckart leva a interpretar o título da *Doutrina – traduzida em lingoa g[eral] irregular, e vulgar uzada nestes tempos* – como uma introdução da variedade vulgar da língua geral nos textos de evangelização. No caso em pauta, tratava-se de um catecismo do jesuíta Philippe Bettendorff, que esteve na Amazônia entre 1660 e 1698.

O que levaria um missionário atuando na Amazônia, na década de 1750, a “traduzir” para a língua geral “vulgar” (vernacularizar) um texto catequético em tupi do final do século XVII (“composto” por Bettendorff)? Pela crônica do padre João Daniel, o motivo era que os índios já não compreendiam o “catecismo” até então usado no cotidiano da missão (DANIEL, 1976, v. 2, p. 225). Essa informação de que haveria

uma distância entre o que os índios falavam e o que era empregado no catecismo é corroborada pelo comentário apostado na portada de *Prosódia*, um dos três dicionários em português e língua geral de um jesuíta da Europa Central, contemporâneo da *Doutrina* [175-]:

Me declaro, q nesta peq. Prosodia da lingoa, entenda por as palavras conforme as fallas os Indios ordinariamente, e a maior parte delles e não conforme a arte, que anda impressa, ou segundo o catecismo (PROSÓDIA..., [175-] (fl. 1).

A incompreensibilidade do texto catequético tupi institucionalizado pelos jesuítas decorria da política linguística de longa duração, seguida pela Companhia de Jesus, de não alterar o texto catequético tupi, identificado com as obras impressas.

As mudanças na forma de os índios falarem a língua geral eram explicadas por Daniel como “corrupção” da língua devido à diversidade linguística existente nas missões naquele período. Os índios trazidos compulsoriamente pelos “descimentos” eram de regiões onde não havia falantes de língua geral. Assim, somente ao chegarem às missões eles eram introduzidos à língua geral. Os processos intensos de aprendizagem da língua como L2 seguramente contribuíam para uma aceleração da mudança linguística acima da velocidade habitual em comunidades estáveis.

Os parênteses em duas convenções de escrita

A pontuação gráfica é um sistema de convenções interpretado dentro de uma tradição de escrita. Duas tradições foram identificadas como influenciadoras de alguns dos usos de parênteses na *Doutrina*: a do primeiro alto alemão moderno (*Frühneuhochdeutsch*) e a da literatura missionária nas línguas indígenas.

Definições de parênteses na escrita do alemão antigo (séculos XVII e XVIII)⁵

Dois autores nos dão pistas a respeito das convenções da língua alemã sobre parênteses nos séculos XVII e XVIII – Samuel Walter (1628)

⁵Este item foi formulado com a colaboração de Sarah Bürk.

e Hieronymus Freyer (1735). As considerações de Samuel Walter sobre os parênteses estão contidas em um volume consagrado aos escritos do educador Wolfgang Rathke (1571-1635). Mas, segundo Sarah Bürk, atribuiu-se a um de seus alunos, Samuel Walter, a parte sobre pontuação e ortografia.

Já que por vezes não há outra possibilidade senão pôr, entre as orações principais, algo accidental que pode não pertencer propriamente ao tema entre parênteses, em vez de inseri-lo mediante uma oração subordinada, acham os *grammatici* que semelhantes parênteses, designados *hyperbata* pelos gregos, deviam ser considerados sinais de distinção; também dão exemplos de Terêncio, de Cícero e de Virgílio: mas, por serem os sinais dos parênteses dois semicírculos ou dois sinais de meia-lua, e colocados por muitos desta forma () (: :), por outros, assim [: :] [: :] e por muitos também, em cartas, missivas e afins, dessa outra forma /: :/ /: :/, os antigos críticos da Eneida de Virgílio observaram que os Deuses Pagãos e a realeza, naquela época – quando queriam dar ênfase especial, autoridade e prestígio a suas proposições e discursos – utilizavam apenas os parênteses (WALTER, 1628, p. 52, tradução de Sarah Bürk).

Walter (1628) definiu os parênteses como o trecho “accidental” da oração (não pertencente ao tema), e lhe acrescenta a função discursiva de conferir autoridade ou legitimidade ao trecho mencionado (“quando queriam dar ênfase especial, autoridade e prestígio a suas proposições e discursos – utilizavam apenas os parênteses”).

Outra explicação para os parênteses encontra-se no alemão Hieronymus Freyer (1735). Ele já não incluiu a notação /: :/ como alternativa no alemão. Considerava dois tipos de sinais de pontuação, com diferentes funções:

a) redondos (), chamado “sinal de inclusão” (“Einschliessungszeichen”, cap. 6, regra 2, p. 169):

O *signum parentheseos* aplica-se para distinguir o que não é absolutamente necessário para entender o discurso, mas

que foi inserido em favor de uma maior clareza ou por outras razões (FREYER, 1735, p.195). (trad. Sarah Bürk).

b) retos [], “sinal de exclusão” (“Ausschliessungszeichen”, cap. 6, regra 2, p. 169).

11ª regra: **O *signum exclusionis* aplica-se para distinguir comentários alheios e palavras que não pertencem ao restante do discurso:**

[...] Mas estas palavras foram inseridas consciente e propositalmente por mãos alheias ou foram inseridas por nós mesmos para facilitar a compreensão das palavras. Esses parênteses podem significar então as duas coisas. P. Ex. Paulo escreve sobre Deus: Quem nos salvou de semelhante morte e continua a salvar-nos [a cada dia]. 2, Cor, 1,10. [...] As palavras enquadradas não se encontram no texto original, mas foram inseridas pelo bem-aventurado Lutero em favor de maior clareza (FREYER, 1735, p. 199) (trad. Sarah Bürk).

O “signo de exclusão” em Freyer corresponderia aos colchetes [] e não aos parênteses (nomeados de “signo interno”), porém, como veremos, tem semelhança com alguns usos desse sinal na *Doutrina* [175-].

Walter e Freyer coincidem no entendimento dos parênteses como parte acidental da oração, que pode ser retirada sem prejuízo sintático e semântico. Tal caracterização, contudo, não abrange todos os usos de parênteses na *Doutrina* [175-].

Os dois autores apontam para outros atributos discursivos que acrescentam possibilidades de interpretação para os parênteses usados pelo missionário em língua geral: a) dar realce a um trecho (“dar ênfase”, segundo Walter) e b) demarcar a voz alheia. Freyer aponta para o uso de colchetes como pontuação gráfica adequada nesse último caso. Como veremos adiante, os parênteses na *Doutrina* [175-] foram usados com essa função discursiva nos casos de discurso citado direto.

Parênteses na literatura missionária instrumental em línguas indígenas

Em obras doutrinárias nas línguas indígenas impressas durante a colonização ibérica, os parênteses tiveram, entre outras, uma função

específica: a de apresentar textos alternativos a serem lidos em voz alta pelo missionário. Este deveria enunciar o trecho anterior ao que está interposto entre os parênteses ou o próprio interposto, mas nunca os dois juntos.

Os parênteses como sinalização de leitura textual alternativa tiveram presença frequente nos confessionários impressos da evangelização espanhola (VALDIVIA, 1606; GARCÍA, 1760), para indicar diferenças nas perguntas em função do sexo do penitente. Isso era particularmente importante nos confessionários, especialmente no Sexto Mandamento (sobre a castidade) e no Nono (não desejar a mulher alheia).

O catecismo bilíngue de Bettendorff (1687, p.113) utiliza os parênteses com essa função de instruir o leitor missionário sobre como oralizar um trecho dependendo do sexo do penitente:

Terenhemomotarumé **nde rapixara remirecó recé**, (se for mulher diga) **nde rapixara ména recé** (BETTENDORFF, 1687, p. 113, grifo nosso).

Naõ desejarás **a mulher de teu proximo**, (& sendo mulher dirá) **o marido de teu proximo** (*loc. cit.*, grifo nosso)

No exemplo anterior, o trecho “(se for mulher diga)” contido, em português, no enunciado em língua geral, não deveria ser oralizado. Os parênteses não contêm texto alternativo, mas chamam a atenção para a alternativa textual que segue. O missionário era instruído sobre a forma específica a ser usada de acordo com o sexo do interlocutor: *rapixara remirecó* “esposa de outro [homem]” ou *rapixara ména* “marido de outra [mulher]”. O termo *r-apixara*, “companheiro, amigo, próximo”, vale para ambos os sexos.

Os parênteses marcam leitura alternativa, nas obras missionárias, também quando se quer indicar diferenças dialetais. Exemplo desse uso encontra-se no Confessionário nas línguas dos “Indios de las Naciones, Pajalates, Orejones, Pacaos” (GARCÍA, 1760):

Finalmente se advierte que quando se hallare parenthesis en la lengua Castellana, corresponde â el parenthesis de enfrente, que esta en el Idioma de los Índios, y allí se halla traducida la misma palabra Castellana; pero quando solo en el Idioma de los Indios huviere parenthesis, y dentro de el la particula *vel*, entonces se denota, que las palabras de aquel parenthesis pertenecen â las Misiones

de el Rio Grande, ô â otra Mission en particular; y assi en ellas se dexará la palabra, ô palabras, que anteceden â el tal parenthesis, desde la ultima coma; y en lugar dellas se colocarán las otras (p. 1).

No uso do parêntese na literatura missionária, ele aponta para modulações que o religioso teria que fazer segundo o destinatário de sua enunciação (homem ou mulher, ou pessoas com variedades dialetais diferentes).

Inventário das ocorrências de parênteses na *Doutrina* [175-]

O manuscrito tem 125 fôlios e mais de 1.200 turnos de perguntas e respostas, em duas colunas, uma em língua geral e outra com a versão parcial da primeira em latim. O sinal de parênteses ocorre apenas 38 vezes em enunciados na língua geral, 30 dos quais na parte das respostas dos diálogos.

Segue um quadro tipologicamente organizado de acordo com seu uso em *Doutrina* [175-], a partir de formas gramaticais, semânticas e/ou pragmáticas recorrentes. A tipologia proposta tem caráter heurístico, visando, neste momento, apenas a apresentar algumas recorrências de uso dos parênteses:

Tipologia	Ocorrências	Exemplos
Contexto de discurso citado direto	9 [4,6,14,16,21,23a,24,26,28]	<i>Pejár có xé ruguy /:ëi:/ pé repýramo</i> , (fl. 87v) [26]. [Tomai este meu sangue /: disse :/ como vosso resgate].
Relativa explicativa	12 [2b,3a,3b,5,7,8,9a,10,12,13,23a,25]	<i>R. Tupána pemonháng /:pejeapuçaca catú:/ Tupana pemonháng, có ybý pupé pecuaübaerâma Tupána, i-nhëënga /:i-angaturameté bää:/ peporucabäerâma</i> (fl. 1v) [2b] [Deus vos fez /:escutai bem:/ Deus vos fez, para que nesta terra vós conheçais a lei de Deus /: que é muito santa :/ e a obedeçais].
Leitura alternativa de formas lexicais.	5 [1,15,29a,29b,32]	<i>R. Tupã recobiâra çupé jandé nhemombëi; Tupã recé imocý catú catú, Tupã angaturâma, monhemoyrôçába /:mopyaibçába:/ cecoú recé</i> . (“De peccato mortali”, fl. 115) [32] Ao substituto de Deus nós nos confessamos; nos arrependendo muito, pela bondade de Deus, [pelas] ofensas [registro dos catecismos] /: ofensas :/ [registro da variedade vulgar].

Tipologia	Ocorrências	Exemplos
Expressão temporal ou condicional	5 [17,18,20,27a,27b]	<i>Ixupe /:orojerurrame:/ oreauçúbucár, jandé poreâuçúboí</i> (fol. 58v) [20] [A ele /: quando [ou se] rogamos:/ que nos ame, que tenha pena de nós].
Empréstimo do português e sua tradução em língua geral	3 [11,30,31]	<i>R. Ybakypé oçóbäerama, Tupá graça /:jandé ánga recobécâbeté:/ pupé omano-bägöéra nhóte</i> [11] Irá para o céu aquele que morreu na graça /: vida verdadeira de nossa alma: / de Deus.
Ato exortativo	1 [2a]	<i>R. Tupána pemonháng /:pejeapuçaca catú:/ Tupana pemonháng, có ybý pupé pecuaûmbaeráma Tupána</i> (fl. 1v). [2a] Deus vos fez /: escutai bem: / Deus vos fez, para nesta terra conhecerdes a Deus.
Casos duvidosos	3	[9b,19,22]
Total	38	

Comparação entre os parênteses na *Doutrina* e nos catecismos tupi impressos

Uma comparação do emprego do sinal dos parênteses em catecismos de jesuítas portugueses (ARAÚJO, 1618; ARAÚJO; LEÃO, 1686) com o manuscrito *Doutrina* mostra uma expansão do seu uso nesse último. Os catecismos tupi de Araújo (1618) e Araújo e Leão (1687) empregavam cada um deles, cerca de uma dezena de parênteses, enquanto a *Doutrina* [175-] utilizava mais de trinta.

Nossa hipótese inicial foi que essa forma de pontuação poderia ter sido usada para que o autor do manuscrito inserisse nos textos anteriores da evangelização passagens que considerava necessárias. Porém, a hipótese de que os parênteses inseririam trechos em tupi não existentes nos textos impressos não se confirmou. Muitas das passagens incluídas dentro de parênteses faziam parte dos catecismos impressos, sendo apenas sinalizadas diferentemente. Um exemplo é o seu emprego no contexto do discurso citado direto, recurso discursivo presente nos catecismos impressos, mas não sinalizado por meio de parênteses.

A *Doutrina* interpõe com parênteses trechos já presentes no catecismo tupi de Araújo e Leão (1686) que estavam sem esse sinal gráfico, como no exemplo a seguir, marcado com negrito:

Araújo e Leão (1686)	Doutrina Christã [175-]
<p><i>Arobiar yby apýtérípe igoegyba-goêra, acé rubypy caraibelá angóera äépe turáma oçaróbäe renocémagóerabé</i> (p. 4) Creio [que] para o meio da terra desceram nossos primeiros pais de alma boa que lá estão esperando a vinda futura [dele], para serem levados (trad. Ruth Monserrat)</p>	<p><i>Ybý apýtérípe oçóagöera, jandé Rúbypý angaturáma angöera</i> /:äépe túráma oçaróbäe:/ <i>renocemagöera</i> (“De Articulis fidei”, fl. 45v-46) [13] Para o meio da terra foram os nossos primeiros pais de almas boas /:que lá esperam a vinda futura [dele]:/ levados.</p>

Uma possível explicação para esse uso do sinal de parênteses no exemplo anterior da *Doutrina* é realçar um trecho, como proposto por Walter (“dar ênfase”).

Dois usos discursivos de parênteses na *Doutrina*

Vamos concentrar-nos em dois dos usos de parênteses cuja origem pôde ser identificada: a) em contexto de discurso citado direto para marcar voz alheia e b) alternativa entre termos diferenciados pela diglossia da época, entre o que os índios falavam e o que era interpretado como parte do repertório cristão em tupi mantido pela Companhia de Jesus.

Parênteses em contexto de discurso citado direto: marcação de voz alheia

O signum exclusionis aplica-se para distinguir comentários alheios (FREYER; HIERONYMUS, 1735, p. 199)

O discurso citado direto é usado em textos tupi missionários desde o século XVI, com diferentes maneiras de sinalização gráfica. A *Doutrina* apresenta um dos raros casos em que isso foi feito por meio de parênteses.

A forma clássica de apresentar o enunciado de um terceiro em tupi é pelo discurso citado direto. O trecho a seguir, retirado de uma carta escrita em tupi, por um índio, a seu primo em 1640 (NAVARRO, 1998, p. 527), exemplifica o uso do discurso citado direto no discurso indígena. O negrito foi acrescentado para demarcar o discurso citado, que não está sinalizado graficamente por sinais de pontuação:

Aimodo capitão Diogo da Costa pejpiciq abamo coipo cunha amo tapeimongeta pereroçe mae yco orojuar peje Içupe pejmongetara nhe imongeta rojre tapejmodo agua moga cuapa gui yabo.

Mandei o capitão Diogo da Costa dizendo “prendei alguns homens ou algumas mulheres para que converseis. Dizei a eles ‘Eis que viemos para vos retirar. Conversai com eles primeiro; depois de conversar com eles, que os envieis para reconhecer os altibaixos pantanosos” (Carta do índio Diogo Camarão, 1645 – trad. Eduardo Navarro, 1998, p. 527).

O recurso ao discurso citado direto foi utilizado amplamente nos diálogos de doutrina em tupi compostos pelos jesuítas. Algumas vezes a inserção vem sinalizada por vírgulas, outras vezes não há nenhuma pontuação, mas nunca são utilizados para isso os parênteses:

Eicuabeéng xenheénga abaipaba xenheeng memoare, ey aé çupicatu marã xe ereme, marape erepoar xe rece, ey (ANCHIETA, 1988, p.24)

Mostra-me em que falei mal; e se falei bem, por que me ferer? (ANCHIETA, 1988, p.173 – trad. Armando Cardoso)

Na *Doutrina*, um dos contextos de uso de parênteses é o do discurso citado direto que envolve no enunciado a primeira e a segunda pessoa. O trecho intercalado ora é o ato metalinguístico do discurso citado, ora o discurso referido, como mostram os exemplos a seguir:

Pejár có xé ruguy /:ëi:/ pé repýramo (DOCTRINA..., [175-], fl. 87v) [26].

Tomai este meu sangue /:**disse**:/ como vosso resgate (grifo nosso).

*Santa Cruz recé omojaçápé ojucáçára recé ojeruré /:**ndenhyrô ixupé**:/ ëí Tupá Túba çupê* (DOCTRINA..., [175-], fl. 52) [16]

Pregado na santa cruz, rogou por seus matadores: /:**perdoaos**:/ disse a Deus Pai (grifo nosso).

Sugerimos a análise do sinal de parênteses nesse contexto discursivo como sinalizador de mudança de enunciador. O sinal marca o discurso alheio, não o do locutor enunciador (o missionário).

Alternativamente, pode-se dizer que em situações como essa, os parênteses têm a função de distinguir a voz do enunciador do diálogo – o missionário –, em passagens marcadas por muitas vozes, da voz do autor original do enunciado.

O uso de parênteses no discurso citado se aproxima daquele proposto por Freyer (1728) para o sinal de colchetes em alemão (“*O signum exclusionis* aplica-se para distinguir comentários alheios e palavras que não pertencem ao resto do discurso”, FREYER, 1728, p.199 – trad. S. B.)

Uso semelhante de parênteses em discurso citado foi encontrado numa caderneta de notas do Padre Eckart. Ele inclui aquela pontuação ao copiar uma passagem do jesuíta Simão Vasconcelos, na qual este empregara a primeira pessoa singular (“vi”). Eckart acrescenta “diz o author” entre parênteses, para salientar que o “eu” se refere a Vasconcelos. Ou seja, ele interpõe uma sequência entre parênteses para indicar que a primeira pessoa mencionada é o autor do texto original, e não o copista.

Simão Vasconcelos (1977, v. 1, p. 162 [edição original de 1663])	Caderneta de Anselm Eckart, 1759
“Dos peixes homens, e peixes mulheres vi grande lapas junto ao mar (...)”	“Vi mesmo /:diz o author:/ dos peixes homens, e peixes molheres, grandes lapas junto ao mar (...)”

Nem todo discurso citado direto na *Doutrina* usa parênteses. Seu emprego, nesse contexto linguístico particular, foi muito vacilante.

Parênteses como marcação de leitura alternativa segundo o interlocutor

Em alguns casos, os parênteses foram usados na *Doutrina* para propor uma leitura alternativa de duas possibilidades lexicais, como nos exemplos a seguir:

Onhemoyrõtäé /:ipÿaíbcerá /: amóreme Tupána orébo?
(DOUTRINA..., [175-], fl. 51) [15]

Deus **se ofende** /:será que se ofende:/ às vezes conosco?
(grifo nosso)

Tupã recobiára çupé jandé nhemombëú; Tupã recé imoacy catú catú, Tupã angaturáma, monhemoyrôçába /:mopyaibçába:/ cecoû recé. (“De peccato mortali”, fl. 115, grifo nosso) [32]

Ao substituto de Deus nós nos confessamos; nos arrependendo muito, pela bondade de Deus, [pelas] ofensas /:ofensas:/ (grifo nosso)

Os dois exemplos contrastam os termos tupi *mo-iron* e *pya-aib*, ambos com o significado de “zangar”, “irritar”, e os substantivos derivados deles, presentes no exemplo, com o significado de “ira” ou, no léxico cristão, “ofensa”:

Onhemoyrôtäé /:ipÿaibcerá:/ (DOUTRINA..., [175-], fl. 51)

o-nhe.moirôn-täe [3-reflexivo.ofender-interrogativo] ele se ofende?

ipÿaibcerá [3-coração.mal será] será que ele se ofende?

monhemoyrôçába /:mopyaibçába :/ (DOUTRINA..., [175-], fl.115)

mo-nhe.moyrô-çába [causativo-reflexivo.ofender-qualidade de] ‘ofensa’

mo-pyá.aib-çába [causativo-coração.mal-qualidade de] ‘ofensa’

Os dois termos tupi fazem parte do léxico cristão para expressar a ofensa a Deus. O primeiro deles – *nhemoirô* – era utilizado no catecismo de Araújo e Leão (1686) para descrever a ira de Deus com aqueles que não seguiam seus preceitos:

Onhemoyrô tepé Tupã acêbe amomé?

Deus se ofende às vezes conosco? (ARAÚJO; LEÃO, 1686, p.27) (trad. Ruth Monserrat)

Quando a *Doutrina* vernaculariza esse enunciado de Araújo e Leão (1686), intercala, dentro de parênteses, uma glosa na variedade vulgar (*mopyaib*), recorrendo a uma forma construída com a raiz *pyá* cujo

significado básico é “figado, coração”. Como em português, o coração era o local dos sentimentos, processou-se um decalque na língua geral, e diversas novas construções com *pyá* surgiram para traduzir termos relativos à introspecção e a sentimentos de raiva, tristeza e preocupação. Exemplos:

Aipyamonghetá. examinar sua consciencia, ou fallar ao seu coração. considerar. dizer no seu coração (DICIONÁRIO..., 1756, fl. 57v).

Desconsolarse. *xepyaíb*. *tenhé nde pyaíb*. não seja triste (DICIONÁRIO..., 1756, fl. 14).

O dicionário de 1756 mostra que as duas opções lexicais postas na *Doutrina*, no exemplo anterior (*nhe-moiron* e *pyaíb*), antes dos parênteses e dentro deles, tinham referências diferentes: *pyá* era referido como “vulgar” (“Tomarse, agastarse. anhemoyrõ. **vulgo**. Xepyaiba”, DICIONÁRIO..., 1756, fl. 41, grifo nosso), e *nhemoiron* era apresentado como “sem uso” (Agastadiço. e também melancólico. Nhemoyrõdoára. **inusit[atū]**. **vulgo**. Angaipába”, DICIONÁRIO..., 1756, fl. 3).

Essa modalidade de uso dos parênteses na *wDoutrina* contrapõe a forma vulgar às formas usadas nos catecismos impressos, correspondentes ao tupi clássico oficializado pela Companhia de Jesus ao longo dos séculos.

As leituras alternativas propostas pelos parênteses na *Doutrina*, entre o contido no catecismo e a forma cotidiana da língua, mostram o dilema do missionário sobre a melhor forma de evangelizar os índios: manter termos dos catecismos impressos, como *nhemoiron*, já não usado, ou utilizar compostos com *pyá*- no caso, o termo *pyaíb*- que se difundiram com significados relacionados a sentimentos negativos.

A título de conclusão: multiplicidade de funções e de tradições de escrita no uso dos parênteses

O inventário de todas as ocorrências de parênteses apontou para a multiplicidade de usos desse sinal na *Doutrina*, não passíveis de atribuição a uma única forma gramatical e pragmática, ao contrário do que acontece com o ponto de interrogação nos textos missionários em tupi.

Centramo-nos em dois empregos de parênteses que mostram essa diversidade de usos. Ambos apresentam instruções de leitura distinta para o leitor-missionário e apontam para distintas origens de tradição de

escrita. O quadro a seguir sistematiza as diferenças entre os dois casos de parênteses analisados no documento:

Parênteses na Doutrina	Função discursiva	Instrução para leitura	Origem da convenção gráfica
Discurso citado direto (com pronomes de primeira e segunda pessoa)	Presença de múltiplos enunciadores	Leitura de todo o trecho intercalado pelo sinal	Pontuação alemã
Diferenciação entre termos do tupi (vulgar <i>versus</i> clássico)	Diferentes opções lexicais	Leitura alternativa segundo o destinatário	Textos missionários do mundo ibérico

a) Parênteses no contexto do discurso citado direto, com primeira e segunda pessoa, marcavam a voz alheia. O uso do discurso citado direto está presente tanto na tradição jesuítica tupi de origem portuguesa como no texto da *Doutrina*. Porém, a sinalização gráfica por parênteses está ausente nos textos em tupi dos missionários portugueses (ARAÚJO, 1618; ARAÚJO; LEÃO, 1686).

b) Parênteses para propor leitura alternativa entre formas contidas nos catecismos e na fala do cotidiano. É um recurso gráfico da literatura missionária em línguas indígenas na colonização ibérica. Tal pontuação permite adaptar o enunciado ao destinatário. Como instrução de leitura, deve-se oralizar apenas uma das expressões. No contexto da *Doutrina*, ele foi usado como sinalização gráfica da situação sociolinguística de diferença entre a variedade usada no discurso tupi oficial e a “vulgar”. No caso da *Doutrina*, o parêntese, neste caso, é uma sinalização usada pelo autor para adequar o discurso cristão em tupi para expressões linguísticas de sua época.

O último emprego apresenta uma interpretação própria desse contexto sociolinguístico e da proposta discursiva do autor declarada no título (traduzir para a língua geral vulgar), enquanto seu uso nas obras em tupi impressas no século XVII propunha leituras alternativas segundo o sexo do destinatário, homem ou mulher. Na *Doutrina* o parêntese teve relação direta com o processo de vernacularização, na medida em que

o autor do manuscrito dispõe de uma forma gráfica para assinalar duas opções lexicais marcadas por diferentes variedades da língua geral.

Referências

ANCHIETA, J. *Diálogo da fé: obras completas*, vol. 8. Introdução histórico-literária e notas do Pe. Armando Cardoso, S. J. São Paulo: Loyola, 1988.

ARAÚJO, A. *Catecismo na Língua Brasileira*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1952.

ARAÚJO, A.; LEÃO, B. *Catecismo brasilico da doutrina christã, com o ceremonial dos sacramentos, e mais actos parochiaes*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1686.

BETTENDORFF, J. F. *Compêndio da doutrina christã na língua portuguesa e brasileira*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1687.

DANIEL, J. *Tesouro descoberto no rio Amazonas*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976.

DICIONÁRIO Português-Língua Geral e Língua Geral-Português. Alemanha: Stadtbibliothek/Stadtarchiv Trier. Ms 1136/2048 4º, [1756].

DOCTRINA christã em lingua geral dos indios do estado do Brasil e Maranhão, composta pelo P. João Philippe Bettendorff, traduzida em lingua geral e irregular, e vulgar uzada nesses tempos. Biblioteca da Universidade de Coimbra, ms. 1089, [175-].

ECKART, A. Von den Sprachen in Brasilien: specimen linguae brasilicae vulgaris. *Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Litteratur*, v. 6, p. 195-213, 1778.

_____. *Papéis do P. Anselmo Eschard*. Torre do Tombo, m.54, n.4, 1759.

_____. O exemplário da língua corrente do Brasil de Anselm von Eckart. Tradução Carlos Antônio Kalil Tannu e Miguel Barbosa do Rosário. *Terceira Margem*, ano 2, n. 2, p. 176-189, 1994.

FREYER, H. *Anweisung zur teutschen Orthographie*. Halle: im Wänsenhouse: Die andere Edition, 1735.

GARCÍA, B. *Manual para administrar los Santos Sacramentos de Penitencia, Eucharistia, Extrema-uncion, y Matrimonio, dar gracias despues de comulgar y ayudar a bien morir a los Indios de las Naciones, Pajalates, Orejones, Pacaos... y otras muchas diferentes, que se hallan en*

las Misiones del Rio de San Antonio, y Rio Grande. [S.l.]: en la Imprenta de los Herederos de Doña María de Rivera, 1760.

KAULEN, L. *Literæ Annuæ Missionis Piragurensis de anno 1755 in 56*. ARSI [Archivum Romanum Societatis Iesu], cód. Bras [Brasile] 10 II, fl. 481r-484v, 1756.

MEIER, J.; AYMORÉ, F. *Jesuiten aus Zentraleuropa in Portugiesisch und Spanisch-Amerika: ein bio-bibliographisches*. Handbuch, v. 1: Brasilien (1618-1760). Münster: Aschendorff Verlag, 2005.

MULLER, J. C. Die Identifizierung eines Sprachschatzes in der Trierer Stadtbibliothek: das jesuitische Wörterbuch Alt-Tupi/Portugiesisch. *Kurtrierisches Jahrbuch*, v. 52, p. 371-387, 2012.

NAVARRO, E. A. *Método moderno do tupi antigo*. Petrópolis: Vozes, 1998.

PROSÓDIA: Dicionário da língua falada por índios do Brasil. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, [175-].

ROSA, M. C. Um exemplo de descrição pedagógica no século XVIII: o specimen linguae brasiliçae vulgaris e a tradição jesuítica de ensino de segunda língua. *Terceira Margem*, ano 2, n. 2, p. 181-189, 1994.

VALDIVIA, L. *Arte y gramática general de la lengua que corre en todo el Reyno de Chile: con un vocabulario y confessionario...: juntamente con la doctrina christiana y cathecismo del Concilio de Lima en español, y dos traduciones del en la lengua de Chile*. Lima: Impresso por Francisco del Canto, 1606.

VASCONCELOS, S. *Crônica da Companhia de Jesus*. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

VOCABULÁRIO na Língua Brasil. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, [175-].

WALTER, S. Gar kurtzer Bericht von der Distinction-lehr, mit ihren signaturen (1628), In: ISING, E. *Wolfgang Ratkes Schriften, Teil II*, Berlim: Akademie Verlag, 1959. p. 51-55.

WOLFF, F. *Carta do Pe. Francisco Wolff para Pe. Bento da Fonseca, 1 de setembro de 1750*. Biblioteca Nacional de Lisboa, 4529, doc. 36, p. 63-66, 1750.

ANEXO

Parênteses na Doutrina [175-]

[1] *P. Abápe erimbäe icó ára, /:ybÿ:/ ybÿpóra pabé, paraná; i-póra, ybáka, có aracy, jacy; jacytata, ara, pytúna, ybÿtú, opacatú mbäe abé omonháng?* (“Sobre o fim da criação”, fl. 1)

Quem é que fez, antigamente o que há **neste mundo /:a terra:/**, o mar nele contido, o céu, o sol, a lua, as estrelas, o dia, a noite, o vento e todas as coisas? (Tipo discursivo de parênteses: leitura alternativa de equivalências lexicais)

[2ab] *R. Tupána pemonháng /:pejeapuçaca catú:/ Tupaná pemonháng, có ybÿ pupé pecuaübaeráma Tupána, i-nhéënga /:i-angaturameté bää:/ peporucabäeráma* (“Sobre o fim da criação” fl. 1v)

Deus vos fez **:/vós escutai bem:/** Deus vos fez, para nesta terra vós conheçais a lei de Deus **:/que é muito santa:/** e a obedeçais. (Tipo discursivo de parênteses: a) inserção de ato exortativo; b) relativa explicativa).

[3ab] *R. Oremombeurama recebé, Tupá Tayra ybâkaçüi ouragöera, S.^a MARIA cunhã mbucú i-jabykyéma mnhe [memenhe?] barriga pupé, apÿabeté onhemonhángagöera, cruza áribo omanóbaepöera, oaçúra /:jandé canhemagöera mombeuçába:/ çüi, oecatuába /:ybâkypé jandé corama [çorama] mombegoãba:/ cotý, jandé reraçóagöera mombëuráma nhenhe* (“Sobre o fim da criação”, fl. 5)

Para nos reafirmar [que] Deus filho veio outrora do céu, na barriga da jovem virgem Santa Maria, se fez homem verdadeiro, morreu em cima da cruz, e nos levou da sua esquerda **:/confissão da nossa perdição:/**, para a sua direita **:/confissão da nossa ida futura para o céu [salvação]:/** para nos reafirmar [isso] continuamente. (Tipo discursivo de parênteses: a) Relativa explicativa; b) Relativa explicativa).

[4] *R. [...] Jabé ixé aicó cuáb, ybÿpëbé xerecórame /:ëi corý anhângarãta pòra jabiõ /: Tupána xémomorandúba recé nitiú [ileg.] erimbäe:[...]* (“De descensu ad Inferos et Specialiter de Inferno”, fl. 26-26v).

Da mesma forma eu sei quando eu for **/:ele disse logo no inferno cada:/** Deus me fez informar não [ilegível] antiga (Tipo discursivo do parênteses: Discurso citado direto).

[5] *R. Jandè Rûbypÿ angaipábypÿ /:japupébäé jandé nhemonháng pabé:/ i-ánga recé cecórame* (“De Limbo Pavulorum”, fl. 29)

O primeiro pecado [pecado original] do nosso primeiro pai **/:de quem nos todos nos fizemos [do qual somos todos descendentes]:/** quando está na alma dele (Tipo discursivo de parênteses: Relativa explicativa)

[6] *R. [...] có mocoĩ abá öür, Antixto [Anti Christo], coipó abá angaturáma möánga /: Tupã ixé :/ ejágöera motĩ opabenhé abá pýtéropé, v[el] icatúpenhé; omombëü ybÿpóra çupé: marápé peicó aipó abá möánga recé? nitiú Tupá äé: Tupáránaäé* (“De Judicio universali”, fl. 33).

Esses dois homens chegam [vem], o AntiCristo ou esse fingido homem bom **/:sou Deus:/** ele diz no meio de todos homens [ou] bem as claras, ensinou aos habitantes da terra. Porque vocês acreditam nesse fingido homem. Ele não é Deus, ele é falso Deus (Tipo discursivo dos parênteses: discurso citado direto).

[7] *[P] Jandé momorandú catútäé J. J. J. Cº [Jande Iara Jesus Cristo]. aipó abá poxy, Xtorána [Cristorana] /: öürbäérama :/çüi jándé jepycyrôbäerama recé [?]* (“De Judicio universali”, fl. 33v).

Fomos informados [advertidos] sobre Nosso Senhor Jesus Cristo homem muito ruim, falso Cristo, **/:que virá:/** e nos salvará? (Tipo discursivo do parênteses: Relativa explicativa)

[8] *R. Aipó pabé riré, tatá /:ybâka çüi öábäérama:/ oçapuçapu ybÿ, ybÿpóra pabé, mbäé catú pabé mocanhembáb. té riré catú ramo öür Tupána jandé Iara* (“De Judicio universali”, fl. 33v).

Depois dessa destruição, o fogo **/:ele vai cair do céu :/** queimar [total/frequentativo.] a terra, todos os habitantes, destruirá todas as coisas até que venha Deus Nosso Senhor. (Tipo discursivo de parênteses: Relativa explicativa).

[9 ab] *P. Majaué catútäé Tupã Espírito Santo /:Tupã Tuba çüi, Tupã Tayra çüibé öürbäé:/ oicöé ixüi /:abáramo oicobó:/ ojepé Tupã*

memé irúnamo guecó pupé cecórame, Tupá amo oicobó ? (“De Spiritu Sancto”, fl. 36)

Como o Deus Espírito Santo **/:que veio de Deus pai e de Deus filho:/** é diferente dele **/:sendo pessoa:/** é um e mesmo Deus juntos, eles são um e mesmo Deus. (Tipo discursivo de parênteses: a) Relativa explicativa; b) ?)

[10] *R. Tupã /:opacatú mbäé opópe oguerecó:/ imonhangapé* (“De Carnis resurrectione”, fl. 42).

Deus **/:que tem todas as coisas em suas mãos [domina]:/** ele as fez. (Tipo discursivo de parênteses: Relativa explicativa)

[11] *R. Ybakypé oçóbäérama, Tupá graça /:jandé ánga recobécábeté:/ pupé omanobägöéra nhóte* (“De Carnis resurrectione”, fl. 42v).

Irão para o céu somente aqueles que na graça de Deus **/:vida verdadeira da nossa alma:/** morreram. (Tipo discursivo de parênteses: expressão explicativa em tupi para um conceito cristão apresentado por um empréstimo do português)

[12] *P. Marã ëí seté I. I. I. Cº. /:jandé röö ràragöéra:/ recégüára* ? (“De Articulis fidei”, fl. 45v).

Como se dizem os sete [artigos da fé referentes] a Nosso Senhor Jesus Cristo **/:que assumiu nossa carne [encarnação]:/** (Tipo discursivo de parênteses: Relativa explicativa).

[13] *R. [4º artigo da fé] Ybý apýteripe oçóagöéra, jandé Rúbypý angaturáma angöéra /:äépe túráma oçaróbäe:/ renocemagöera* (“De Articulis fidei”, fl. 45v-46).

Para o meio da terra foram, os nossos primeiros pais de almas boas **/:que lá esperam a vinda futura [dele]:/** redimidos (Tipo discursivo de parênteses: Relativa explicativa).

[14] *R. Nitú aporacár racó xé rúba nheënga /:ëimo ojoupé:/ nitú amonháng tecó angaturáma, ëimo* (“De Spe et Pater Noster”, 47v).

Eu não cumpri as leis do meu pai **/:dizendo para si mesmo:/** eu não fiz uma vida santa, dizendo. (Tipo discursivo de parênteses: discurso citado direto)

[15] *P. Onhemoyrõtäé /:ipÿaibcerá:/ amóreme Tupána orébo ?* (“De Spe et Pater Noster”, fl. 51)

Deus se ofende /:será que se ofende:/ às vezes conosco? (Tipo discursivo de parênteses: Leitura alternativa de equivalências lexicais)

[16] *Santa cruz recé omojaçápé ojucáçára recé ojeruré /:ndenhyrõ ixupé:/* ãi Tupá Túba çupé (“Dimittite nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris” fl. 52).

Pregado na santa cruz, rogou por seus matadores /:**perdoa-os**:/ disse a Deus Pai. (Tipo discursivo de parênteses: discurso citado direto)

[17] *R. oicobé: Tupaná livrúpóra, ou Tupaná papéra, äé eté ocoatiár ucaragöérapóra; amo Santa Madre Igreja oporubäé; amó; angaturámetá /:ybÿpete [c]ecóreme:/* çääcäängagöéra (“De Invocatione Sanctorum”, fl. 54v).

Existem. O que está no livro de Deus, ou no papel de Deus, ele mesmo mandou escrever, os usos da Santa Madre Igreja e [dos] bons [os santos?] /:**quando estiveram na própria terra**:/ os traços deles. (Tipo discursivo de parênteses: expressão temporal ou condicional)

[18] *R. Santa Igreja omembÿra angaturámetá möeté potáreme, äé /:erimbüé ybÿpe recóreme:/* omanópotár cecé;[...] (“De Invocatione Sanctorum”, fl. 55v).

Quando os filhos muitos respeitados da Santa Igreja, eles, esses, /:**quando viviam na terra**:/ esses quiseram morrer por isso; [...]. (Tipo discursivo de parênteses: expressão temporal ou condicional)

[19] *P. Onhemonhángüã cerá Tupána Santa Maria barriga pupé /:jandé röö ráçápe:/* Santa Isabel pÿri oçórame? (“De Ave Maria”, fl. 58v)

Será que Deus já tinha se feito na barriga da Santa Maria /:**na passagem da nossa carne[encarnação]**:/, quando foi ter com Santa Isabel (Tipo discursivo de parênteses:?)

[20] *R. Ixupe /:orojerurerame:/* oreauçúbucár, jandé poreâuçúboí [...] (“De Ave Maria”, fl. 59v)

A ele /:**quando [ou se] rogamos**:/ que nos ame, que tenha pena de nós (Tipo discursivo de parênteses: expressão temporal ou condicional)

[21] *R. Xe angaipábaté ixé /:ëí:/ xemoabáeté; amopyäibete [ilegível] ejóri, i-pýa mojobýr; i-monhyrõ xébo* (“De Ave Maria”, fl. 60v).

Porque sou um grande pecador **:/ele diz:/** eu me me glorifiquei muito; eu me tornei mal [...] vem, faz o coração dele salvar a mim. (Tipo discursivo de parênteses: discurso citado direto)

[22] *Cunhã coipó apýaba reté recé abá mäénrame, coipó ogoeté recé /:joece:/ abá mäénrame, cecé popacá oporópotárame* (“De Sexto et Nono percepto legis divini” fl. 73v)

Quando homem e mulher olham para o corpo de uma pessoa ou para o próprio corpo **:/um ao outro:/** quando olham desejando tocá-lo. (Tipo discursivo de parênteses:?)

[23ab] *R. Imoeté I. I. [Iande Iara] rúguý xe I. I. Cº. [Iande Iara Christo] ruguý ete /:ëí:/ ixé oromombëü porángeté catú; ndé erimbäé morepyrámo remoje ucemucár; emoja-çúc xe pýa, tomboeráb jangaipágöéra çüü; xé angaipagöéra /:anhánga remicoatiaröéra:/ emoaiþjepé; nitiú xé mombëüäibucabaé [ileg.] aipó xe amotareþmbáraté xemanó pupé.* (“De modo missam fructuose audiendi”, fl. 83)

Seja respeitado o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, o sangue verdadeiro de meu Nosso Senhor Jesus Cristo **:/ele diz:/** eu te reafirmei bem outrora; tu outrora como redentor te deixaste sangrar; lava o meu coração para que ele se cure dos seus pecados; meus pecados [são] **:/obra do diabo:/** ainda que os detestes; não me deixes ser acusado por esse meu grande inimigo na minha morte. (Tipo discursivo de parênteses: a) discurso citado direto; b) Relativa explicativa)

[24] *R. Ore Tupárar oré pýápé abé; xé I. I. Cº. [Iande Iara Cristo] ejóri /:orenhëng Tupã çupé:/ eiké xé ánga pupe: ejár nde mbäérama; emoingöcatú xé recobé; tecó angaipába [ileg.] abé çüü xemopoirúcár: taxejexiúme ndé rauçüba çüü aujeramanhé* (“De modo missam fructuose audiendi”, fl. 83).

Nós também comungamos [tomamos a Deus] no nosso coração; meu Nosso Senhor Jesus Cristo, vem **:/nós falamos a Deus:/** entra na minha alma: toma para ti; torna boa a minha vida; e faz-me abandonar a vida pecadora; que eu não perca nunca o teu amor [mereça sempre]. (Tipo discursivo de parênteses: discurso citado direto)

[25] *R. Arobiár eté, a coé hostia imongaraibipýra pupé [...] imorotingöéranhóte /:miapé reté çüí ojeockbacküéra:/ opýtá [...]* (“Actus fidei”, fl. 86)

Acredito muito nesta hóstia consagrada [...], só a brancura dela **/:de pão verdadeiro tirada:/** permaneceu. (Tipo discursivo de parênteses: Relativa explicativa)

[26] [...] *Pejár có xé ruguy /:ëí:/ pé repýramo, [...]* (“Exortação ante sacram communionem”, fl. 87v).

Tomai este meu sangue **/:disse:/** como vosso resgate. (Tipo discursivo de parênteses: discurso citado direto)

[27ab] *Tupã reté có äé /:penhemombëú catu ríre, pëúrame:/ tecobé pucú pëéme [ilegível] opabäeráma mëéngába cecoú. Coritémo xé jüü xé ánga poçanonga má ? penhëéng pé pýápé catú; jabé catú S^{mo} Sac^o perobiár Tupã nhëénga recé, çupitäé? peporandúbýme; perobiár etéeté nhoté, opabenhé hostia cyküéra miri pupé /:Missá Monhangára ioimboeráme:/ Tupã ogoeré pe cecoú, ceté, cuguy i-ánga, i-Tupã; (* “Exortação ante sacram communionem”, fl. 88v)

Este é o corpo de Deus **/:depois de se confessarem bem, quando comungarem [comerem]:/** [ao longo de] toda a vida quando dizeis [...] todas as dádivas são. Logo que sou ingerido minha alma já cura direis bem de coração? assim como acreditais no S[antíssimo] Sacramento palavra de Deus? de verdade? quando anunciais; acreditais muito somente, [que] em todos os pedacinhos de hóstia **/:Quando o oficiante da missa ensina:/** Deus está, seu corpo, seu sangue sua alma, sua divindade?⁶ (Tipo discursivo de parênteses: a) expressão temporal ou condicional; b) expressão temporal ou condicional)

[28] [Ilég.] *xe Iara /:peje ixupé:/ xe ánga pupe eikepota, ejóri, xe recé opýtábo.* (“Exortação ante sacram communionem”, fl. 90)

Meu senhor **/:dizei a ele:/** entra na minha alma, vem, ficando comigo. (Tipo discursivo de parênteses: discurso citado direto)

[29ab] *R. Cunumietá, cunhätái, xé pó xe pý, xé pyçá vinte e hum acajú nitiú ranhé ogoericobäé, taybäé [tuybäé] ymána goaybý ymána,*

⁶Tradução problemática em português.

muncapóra [muruápôra] /:ipuruabäé:/Imembycambúbüé/:imembym ocambúbüé:/ mbäeacybóra, ára pucúi morabikáçára, goataçárabé. (“De Quarto Precepto Decalogi”, fl. 93v)

Meninos e meninas, com menos de 21 anos [minha mão meus pés meu ... vinte um anos], homens velhos mulheres velhas, **grávidas /:grávidas:/amas de leite/amas de leite:/** doentes, trabalhadores, e viajantes. (Tipo discursivo de parênteses: a) Leitura alternativa de equivalências lexicais; b) Leitura alternativa de equivalências lexicais)

[30] *R. Jande recó catú /:boas obras jába:[/][jande?] ybaca goara repyráma* (“De bonis operibus in genere”, fl. 96v).

Nossas boas ações **/:dita boas obras:/** [nosso?] preço futuro para o céu. (Tipo discursivo de parênteses: expressão explicativa em tupi para um conceito cristão apresentado por um empréstimo do português)

[31] *R. Tupã rauçúba, Tupá graça /:jandé ánga recobécábeté:/ ixüü opoír ucár recé* (“De peccato mortali”, fl. 114v)

Pelo amor de Deus, pela graça de Deus **/:vida verdadeira de nossa alma:/** [que] permite largá-los. (Tipo discursivo de parênteses: expressão explicativa em tupi para um conceito cristão apresentado por um empréstimo do português)

[32] *R. Tupã recobiára çupé jandé nhemombëú; Tupã recé imoacy catú catú, Tupã angaturáma, monhemoyrõçába /:mopyaibçába:/ cecoú recé.* (“De peccato mortali”, fl. 115)

Ao substituto de Deus nós nos confessamos; nos arrependendo muito, pela bondade de Deus, **[pelas] ofensas [registro dos catecismos] /:ofensas:/** [registro da variedade vulgar]. (Tipo discursivo de parênteses: Leitura alternativa de equivalências lexicais)